



## A LEITURA IMAGÉTICA COMO PRÁXIS INTERDISCIPLINAR

### *IMAGERY READING AS INTERDISCIPLINARY PRACTICE*

Jack Brandão<sup>i</sup>

Aryana Vicente de Sousa<sup>ii</sup>

**RESUMO** – O presente artigo busca, a partir de teóricos de diversas áreas, como Panofsky, Barthes, Berger, Freire e Brandão, compreender que o conceito de leitura não pode se restringir ao campo do letramento, mas a diversas linguagens, como a imagética. Visa também a demonstrar que, para se lerem as imagens, inseridas além do campo gráfico, pictográfico e logótico, unem-se diferentes áreas do conhecimento, gerando uma ação interdisciplinar.

**PALAVRA-CHAVES** – Leitura de imagens, interdisciplinaridade, Panofsky.

**ABSTRACT** – This article seeks, from theorists in different areas, such as Panofsky, Barthes, Berger, Freire, and Brandão, to understand that the concept of reading cannot be restricted to the field of literacy, but to different languages, such as imagery. It also aims to demonstrate that, by reading the images, inserted beyond the graphic, photographic, and logotic fields, different areas of knowledge come together, generating an interdisciplinary action.

**KEYWORDS** – Reading images, Interdisciplinarity, Panofsky.



### A questão da leitura

Diariamente, deparamo-nos com imagens que nos chegam ao interior de nossas residências pelas telas de televisores, de celulares e de computadores, há aquelas que nos veem por livros, jornais e revistas, ou ainda as que nos chegam pelas ondas de rádio; externamente, há centenas de luminosos e *outdoors* que, espalhados pelas ruas, também cumprem o mesmo papel. Outras recebemos por meio de leituras de poemas, de conversas despreziosas, ou quando ouvimos canções. Enfim, estamos cercados por uma infinidade de suportes e de canais que nos provam que o ser humano é, quase por natureza, um ser iconotrópico. (BRANDÃO, 2014, p. 117)

Algumas imagens passam por nós, superficialmente, como o *studium* de Barthes (1984); outras, por sua vez, prendem nossa atenção e fazem com que dediquemos momentos a observá-las, a analisá-las, a compreendê-las e a lê-las, já que nos impelem a elas, pungem-nos, como o *punctum* barthesiano. (BARTHES, 1984)

No entanto, quando se fala em **leitura**, a primeira ideia que nos vem à mente é que tal processo restringe-se apenas ao texto linguístico e à decifração logótica; essa, porém, é uma armadilha que devemos evitar, já que ler não se restringe a decifrar os símbolos do alfabeto, nem a leitura se restringe apenas a palavras, por isso

Ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em

geral e na de cultura em particular. Isso porque estamos presos a um conceito de cultura muito ligado à produção escrita, geralmente provinda do trabalho de letrados. A realidade, entretanto, nos apresenta inúmeras manifestações culturais originárias das camadas mais ignorantes do povo cuja força significativa as tem feito perdurar por séculos. (MARTINS, 2012, p. 30)

Tais manifestações, evidentemente, vão além daquelas obtidas pelo letramento, já que se originam das várias leituras que fazemos do mundo que nos cerca, cujo princípio remonta ao poder não só de percebê-lo, mas de descrevê-lo e de representá-lo:

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. (LEFFA, 1996, p. 10)

Desde o nascimento, o contato com o mundo exterior faz com que comecemos a exercitar nossa percepção. Assim, sensações como calor, frio, barulho e silêncio, por exemplo, podem nos causar



impressão de tranquilidade ou desassossego. Quando vemos o olhar de alguém, podemos enxergar alegria ou tristeza; diante de um pedinte na rua, ou de uma criança que estende a mão quando paramos nos semáforos das grandes cidades, enxergamos pobreza, exclusão social, ou mesmo vadiagem: cada um lê o mundo a sua volta por meio do reflexo de seus próprios espelhos. Dessa maneira, inicia-se uma atribuição de sentido às coisas que nos rodeiam e damos os primeiros passos para a leitura do mundo em que estamos inseridos. Essa prescinde de qualquer grafia, já que é anterior a ela,

Daí a necessidade de se compreender tanto a questão da leitura quanto a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram. Seria preciso, então, considerar a leitura como *um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem*. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito, quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 2012, p. 30)

Assim, uma criança, mesmo sem ter sido alfabetizada, ao assistir a um desenho animado, está realizando múltiplas leituras dele. Há, portanto, em seu interior, uma atribuição de sentidos que se demonstra e se realiza naquele instante, por meio da leitura que faz daquelas imagens e as que ela tem do mundo a sua volta, mesmo que isso ocorra de forma idiossincrática. Por

outro lado, as crianças em processo de alfabetização, ainda terão alguns percalços a percorrer para que possam fazer correlações entre o *lógos* escrito e o mundo. Isso porque nossa educação ainda é centrada, demasiadamente, na decifração das letras e de seu reconhecimento (BETTELHEIM. ZELAN, 1989), não na busca de seu significado intrínseco, ou seja, na sua (re)apresentação do mundo.

El niño necesita tiempo y experiencia para comprender que el material escrito existe para impartir mensajes a cualquier persona que lo lea, en lugar de contener solamente mensajes específicos dirigidos a él. Y de esta manera la transición de lo idiosincrático a lo generalizado sólo puede tener lugar a través del significado, no a través del descifrado de palabras. (BETTELHEIM. ZELAN, 1989, p. 47)

Ao buscar sintetizar as inúmeras definições existentes sobre a questão, Martins (2012) apresenta duas concepções vigentes sobre o assunto e define leitura como:

a) uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);

b) um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). (MARTINS, 2012, p. 31)



Na primeira definição, podemos enxergar uma característica de perfil do senso comum que é, basicamente, a leitura que aprendemos na escola; já na segunda, existe outra mais ampla e com aspectos interdisciplinares<sup>1</sup> do conceito de leitura, envolvendo diversas áreas do saber e experiências do ser. Tal definição, inclusive, faz-nos lembrar de uma frase de Paulo Freire (2014, p. 96): “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

A leitura, portanto, vai muito além do mero letramento ou da alfabetização, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19). Isso implica afirmar que os acontecimentos do dia-a-dia e o capital cultural que cada um carrega também influenciam, de modo significativo, a leitura, uma vez que ler não significa apenas decifrar letras, mas também compreender o significado do conjunto de conhecimentos que são estabelecidos ao empregá-las; e, mesmo que as palavras tivessem esse papel preponderante, sua ênfase não está nem no processo da compreensão, nem na construção do significado, mas no produto final dessa compreensão (LEFFA 1996), ou seja, em “conduzir a un significado” (BETTELHEIM. ZELAN, 1989, p. 46).

Dessa forma, mais do que o mero conhecimento da linguagem, no qual o

material a ser lido se encaixa, necessita-se da capacidade do leitor em estabelecer associações, a partir de seu próprio mundo, a fim de decodificar a informação que tem diante de si, por meio da participação de sua própria consciência (ISER, 1999), afinal “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2011, p. 20).

Iser (1999), por sua vez, corrobora com Jakobson (2005), quando este expõe os fatores constitutivos do processo linguístico, em que para ser eficaz pressupõe que uma mensagem seja enviada a um emissor (remetente) para um receptor (destinatário) em que haja um código comum entre os dois. Sem nos alongar na descrição dos outros elementos, interessamos dizer que a comunicação nunca é em mão única, mas um contínuo ir e vir, não corresponde a apenas um polo, mas a dois.

Assim, o texto é apenas **um** dos polos da situação comunicativa, cabendo ao leitor o papel preponderante de construir o objeto estético que, sem a participação de sua própria consciência, de sua ativação diante das palavras textuais que têm diante de si (ISER, 1999), a comunicação não existirá de fato.

Pode-se demonstrar, por outro lado, como a ausência de conhecimentos prévios ou mesmo o emprego do conhecimento de mundo também podem refratar a interpretação das palavras escritas, ou seja, podem levar ao engano, ao desvio, ao vício, ou a uma interpretação não satisfatória.

---

<sup>1</sup> Interdisciplinar: Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco. (Piaget apud Pombo, 1972)



Para demonstrar isso, empregaremos dois exemplos, retirados da obra do poeta brasileiro Gregório de Matos:

- a) Lembra-te Deus, que és pó para  
[humilhar-te,  
E como o teu **baixel** sempre fraqueja,  
Nos mares da vaidade, onde peleja,  
Te põe na vista a **terra**, onde salvar-te.  
(MATOS, 2010, p. 78, **grifo nosso**)

O eu lírico, ao escrever seu soneto sobre a quarta-feira de cinzas – período que indica o início da Quaresma na Igreja ocidental –, utiliza como mote a passagem bíblica “tu és pó e ao pó retornarás” (Gn 3,19), empregada pela liturgia católica naquela ocasião. Ao fazer isso, utiliza um gênero recorrente no período, o da *vanitas*: “em que se manifestava a relação conflituosa do homem com a morte.” (BRANDÃO, 2010)

Há, além da imagem do “pó” – espelho da finitude e da origem do homem (a terra), conforme diz no primeiro quarteto –, a utilização de outras também recorrentes no período, como “baixel”, barco, nau, que

quer nos mostrar **a vida do homem no mundo**, cercada por sofrimentos e preocupações por todos os lados – como o navio está pelas águas do mar –, cujo fim é o **Porto**: o encontro com a morte, quando se prestará contas daquilo que fez ao Criador.  
(BRANDÃO, 2011, **grifo nosso**)

Assim, a vida do homem (“baixel”, “lenho”) está inserida em um “mar de vaidades”, onde vive em constante luta

(“peleja”); Deus, porém, nos dá a esperança de vermos, em meio a tantas vicissitudes de nosso “baixel” (o barco de nossa vida terrena, ou seja, nosso corpo), o “porto” (a salvação eterna), a “terra, onde salvar-te”. Assim, o eu lírico, no último terceto, nos diz:

Todo lenho mortal, baixel humano  
Se busca a salvação, tome hoje terra,  
Que a terra de hoje é porto soberano.  
(MATOS, 2010, p. 78)

Dessa maneira, se o homem (“lenho mortal”, “baixel humano”) busca a salvação, tem de receber, no dia de hoje (na quarta-feira de cinzas), o pó (a “terra”) marcado em sua testa no final da missa, como sinal de penitência, a fim de que seja o sinal de que sua vida, como esse pó (“terra”), nada é, mas apenas será quando chegar ao “porto” (a glória celeste), termo de sua vida, quando se vencerão as tribulações e se chegará à salvação final.

Ao mesmo Gregório, tão contrito em sua fé ao empregar metáforas náuticas, como verificado no soneto anterior, atribui-se o seguinte poema:

- b) O lavar depois importa,  
porque antes em água fria  
estarei eu noite, e dia  
batendo-vos sempre à porta:  
depois que um homem **aporta**,  
faz bem força por entrar,  
e se hei de o **postigo** achar  
fechado com frialdade,  
antes quero a sujidade,  
porque enfim me hei de **atochar**.  
(MATOS, 2010, p. 579, **grifo nosso**)



Para que seja possível sua interpretação, mais uma vez precisaríamos não só conhecer o período em que foi escrito e a sociedade em que o poeta vivia, como também o gênero poético em que se insere, pois este é que vai imprimir o estilo que o mesmo será empregado.

Assim, enquanto no primeiro poema – de cunho religioso – o estilo era o alto, daí o emprego que faz de um vocabulário rebuscado; no segundo, veremos que, diante da mudança do gênero, há diferenças significativas no emprego lexical e imagético, já que se verificam termos chulos e expressões com segundas intenções, cujo intuito é a burla e a maledicência.

Essas visavam, “em função do deleite” (CARVALHO, 2007, p. 334) a entreter e mesmo a instruir; e, longe de serem meramente **debochadas** e despretensiosas, eram “retoricamente regradas”, assim como era o exemplo anterior.

Dessa maneira, verifica-se que, apesar do aparente aspecto de descuido ou da falta de desempenho poético, tais textos eram construídos, retoricamente, não só para proporcionar deleite a seus ouvintes e leitores, como também para levar-lhes algo de proveitoso (CARVALHO, 2007, p. 335), dentro dos preceitos moralizantes daquela sociedade que difere da nossa.

É evidente que, ao lermos tais poemas sem uma devida contextualização, tenderemos a criar inúmeros julgamentos acerca dos costumes do homem dos Seiscentos (como é o caso do poema em questão), ainda mais se os lermos com os

olhos do presente. Isso fica claro, quando no excerto “b”, o eu lírico, após ver-se “FINALMENTE EM HUMA OCCASIÃO TAM PERSEGUIDA” – ter conquistado o direito de se relacionar, sexualmente, com uma mulher que cede a suas investidas –, o mesmo em vez de exaltar suas qualidades de conquistador, ou mesmo os predicativos da parceira, põe-se a reclamar dos hábitos higiênicos dela. Podemos pensar que fosse talvez devido à falta de asseio da mulher, mas o que ocorre é, exatamente, o contrário: ele reclama e a satiriza por querer lavar-se antes do ato sexual: “ASSENTIO NO PREMIO DE SUAS FINEZAS; COM CONDIÇÃO POREM, QUE SE QUERIA PRIMEYRO LAVAR” (título do poema, MATOS, 2010, p. 579).

Por mais estranho que possa parecer, “hábitos de higiene, hoje associados ao prazer físico, eram inexistentes. Entre os habitantes da América portuguesa, a sujeira esteve mais presente do que a limpeza” (PRIORE, 2011, p. 21), daí a indignação do eu lírico que estranha o fato de a mulher se lavar antes, não depois do ato sexual consumado.

Para o eu lírico, a “frialdade” da água poderia dificultar, inclusive, o próprio ato em si: “e se hei de o postigo achar/fechado com frialdade”, por isso preferiria “a sujidade”.

Enquanto nossa sociedade tem por hábito disfarçar os odores naturais do corpo, o eu lírico queria, ao contrário, realçá-los, daí sua reprovação, pois ao lavar suas partes íntimas, a mulher não só lhe



tira a graça, o “sal”, mas também o “cheirete”, seu odor característico:

Lavar a carne é desgraça  
Em toda a parte do Norte  
Porque diz, que dessa sorte  
Perde a carne o sal, a graça;  
E se vós por essa traça  
Lhe tirais o passarete  
O sal, a graça, o cheirete.  
Em pouco a dúvida topa  
Se me quereis dar a sopa  
Dai-ma com todo o sainete.  
(MATOS, 2010, p. 580)

Não querendo alongar, visto não ser este o objeto deste artigo, vemos que a leitura tem seu início antes mesmo do contato com o objeto e vai além dele (independente de qual seja) e para que não haja apenas mera leitura, mas decodificação e interpretação, o leitor deve ir além e atuar sobre o mesmo:

a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 2012, p. 33)

Além das características apresentadas, como a diacronia, certos aspectos banais e cotidianos também podem levar a problemas de interpretação de um texto, como a dor de cabeça, a falta de concentração, ou mesmo a presença de

qualquer ruído que leve a um desvio de atenção durante esse processo. Em momentos assim, cabe ao leitor identificá-los, empregando sua percepção (exercitada desde o nascimento) a não **linearidade** e **compreensibilidade** textual e dialogar com a leitura não só para analisar seu sentido, como também para verificar onde havia se perdido.

Para Martins (2012): “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”; em alguns casos, para que melhor aconteça a interpretação, teremos de realizar a releitura e a interação com demais leitores para a compreensão. A capacidade de ler depende de nós mesmos, e

mais cedo ou mais tarde, sempre acontece, desde que se queira realmente ler. Acima de tudo precisamos ter presente que se não conseguimos, de vez, dar o pulo do gato – bem, que se continue andando ainda um pouco, pois não é pecado caminhar. (MARTINS, 2012, p. 87)

### Leitura de imagens: uma prática interdisciplinar

Hoje somos bombardeados, de maneira contínua, por inúmeras imagens que nos chegam de todas as partes e empregam suportes variados, além daquelas projetadas por nosso intelecto.

Desde a pré-história, existem registros do contato do homem com a imagem, já que



o homem pré-histórico do Período Paleolítico tivera de representar, com acuidade, o mundo sensível, especificamente os animais, objeto de sua sobrevivência” (LOSADA, 2011, p. 41),

com o qual tinha de se embater para sua própria sobrevivência.

Com o passar do tempo, diversas mudanças aconteceram na forma como se representavam as imagens, ao se chegar, por exemplo, ao Renascimento que “postulava fundamentos científicos para a veracidade de seu modo de representar o mundo sensível” (LOSADA, 2011), quase sempre baseados no postulado da mimese, ou seja, da imitação da natureza.

Entre cavernas e cálculos para a representação perfeita, foi levantada a hipótese de qual seria sua melhor maneira, “no campo da interpretação e das obras de arte.” (LOSADA, 2011, p.42) Graças aos estudos de Panofsky, desenvolveu-se o conceito de iconologia, cujo “método de interpretação advém mais da síntese que da análise.” (PANOFSKY, 2012, p. 54)

Uma visão mais contemporânea a respeito da representação e interpretação, diz que, desde o aparecimento dos livros ilustrados, posteriormente jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, incorporou, na realidade, uma relação entre palavras e imagem, fato que havia povoado as mentes ilustradas na Europa desde os Quinhentos, com o gênero emblemático.

Séculos depois, diversos acontecimentos acarretaram o

desenvolvimento da sociedade em termos imagéticos, tais como o crescimento dos centros urbanos e a inserção de publicidade por toda parte, como ainda vemos hoje nos trens, no metrô, nos ônibus, em embalagens de produtos, em cartazes espalhados pelos centros urbanos), tornando-as, maciçamente presentes em nosso cotidiano.

A presença de tantas imagens acabou por desenvolver o código escrito que, historicamente, se mesclou e acabou gerando novas linguagens, daí a existência de diferentes tipos de leitores: o leitor de mapas, o leitor de gráficos e o leitor de imagens. Para Rossi (2009), a presença da imagem na publicidade contemporânea é obrigatória e essas imagens contidas neste tipo de conteúdo, acabam por moldar nossos pensamentos, sugerindo o que devemos desejar, valorizar, fazer e necessitar.

A leitura dessas imagens é um meio para a conscientização de que somos os destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos. (ROSSI, 2009, p. 9)

Se somos destinatários de mensagens, estas também transmitidas por meio de imagens, logo necessitamos decodificá-las para que se efetive uma comunicação. Ao analisar a transmissão de uma mensagem, pode-se notar a importância de cada uma das etapas as quais um indivíduo percorre ao tentar comunicar-se.





Segundo Jakobson, um dos maiores linguistas do século XX, existem características gerais na comunicação, cujos elementos básicos são: emissor, canal, receptor, código, referencial, mensagem, sem contar com o contexto e a cultura. É sobre a presença e a inter-relação desses diferentes elementos que Jakobson define o ato da comunicação.

Quando o emissor transmite uma mensagem ao receptor, ele pode estar interessado em comunicar algo sobre seu contexto, isto é, sobre uma terceira pessoa, coisa ou fato. Mas, ao invés disso, ele pode estar interessado em expressar algo sobre si mesmo, sobre seus próprios sentimentos; ou então, estar enfatizando o seu receptor, tentando seduzi-lo ou persuadi-lo. Então, é possível classificar as mensagens de acordo com a ênfase dada a cada um desses fatores. (LOSADA, 2011, p. 88)

Já Bordenave (1989) aponta que a comunicação trata da via pela qual os padrões de vida de sua cultura (sociedade) foram transmitidos. Além disso, foi por esse meio que se aprendeu a ser membro dessa mesma sociedade. Dessa maneira, alguém adota sua cultura (ações, pensamentos, valores, etc.), tornando-se instruído, antes mesmo de ir a uma escola; pois, indiretamente, o acúmulo de eventos com os quais se relacionou ou tomou parte seja no mundo físico seja por meio do contato com diversas pessoas, tornou-o apto a orientar-se em seus comportamentos.

O processo de comunicação, portanto, acontece por meio da subdivisão de etapas, das quais participam emissor, receptor, mensagem, canal, ruído e código. Um exemplo que pode esclarecer a função de cada um dos participantes dessas etapas da comunicação é o de Gil (1994, p. 33):

Uma pessoa (emissor) tem uma ideia (significado) que pretende comunicar. Para tanto se vale de seu mecanismo vocal (codificador), que expressa sua mensagem em palavras. Essa mensagem, veiculada pelo ar (canal) é interpretada pela pessoa a quem se comunica (receptor), após sua decifração por seu mecanismo auditivo (descodificador). O receptor, após constatar que entendeu a mensagem (compreensão), esclarece a fonte acerca de seu entendimento (regulamentação).

Após apresentar esses pontos sobre a comunicação, é válido salientar que ela não acontece apenas por meio do *lógos*, existe também a comunicação não-verbal, sendo as imagens aplicáveis a ambas. Uma pergunta que pode pairar no ar educacional é: qual a necessidade de estudar ou analisar imagens? Berger (1987) diz que “a vista chega antes das palavras. A criança olha e vê antes de falar” (BERGER, 1987, p. 11), além disso, se o emprego do alfabeto e a consequente alfabetização “significa a capacidade de expressar-se e compreender, e tanto capacidade verbal quanto visual pode ser aprendida por todos. E deve sê-lo” (DONDIS, 1991, p. 230), logo temos repostas, mesmo que superficiais, para essa pergunta.



Ainda em relação à questão da comunicação com o leitor, uma imagem pode carregar em si diversos significados. Partindo desse pressuposto, a leitura de uma imagem pode atingir diferentes áreas do saber, interagindo entre as partes que a formam; para que, em seu todo, se dê um significado.

Manguel (2011), por exemplo, defende a ideia de que toda imagem tem uma história para contar e, além disso, todas elas podem ser lidas e traduzidas em palavras, mesmo que por um público não especializado.

A investigação de imagens engloba diversas disciplinas de pesquisa, como a história da arte, as teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas da arte, críticas de arte, os estudos das mídias, a semiótica visual e as teorias da cognição por exemplo. “O estudo da imagem é um empreendimento interdisciplinar” (SANTAELLA; NOTH, 2014, p.13).

A interdisciplinaridade é uma palavra que tem sido bastante empregada para descrever essa implicação entre diversas áreas do saber, mas não é um simples envolvimento que garante sua promoção, deve ir além, já que se deve buscar interação, integração de conceitos (se possível), cooperação, vontades comuns e rompimento das estruturas de cada disciplina para construção de novas, comuns a todos. Essas características não são todas obrigatórias em ações interdisciplinares, no entanto, fazem parte de um conjunto de aspectos que a concretizam.

### **Considerações Finais**

Independente do método que utilizamos para realizar a leitura de uma imagem, é importante que saibamos que todas elas carregam um significado, mesmo que seja o de “não ter significado”. Toda imagem tem uma história. Todas elas podem ser lidas e traduzidas em palavras, mesmo por um público não especializado (MANGUEL, 2010), além disso, em relação à imagem e ao verbo:

O código verbal não pode se desenvolver sem imagens. O nosso discurso verbal está permeado de imagens, ou, como Pierce diria, de iconicidade. Assim a teoria das imagens sempre implica o uso de imagens. A palavra “teoria”, aliás, já contém na sua raiz uma imagem, pois “teoria”, na sua etimologia, significa “vista”, que vem do verbo grego *theorein*: “ver, olhar, contemplar ou mirar”. (SANTAELLA; NOTH, 2014, p.14)

A leitura de uma imagem, que vai de sua etapa iconográfica a uma etapa iconológica (PANOFSKY, 2012), pode enriquecer o leitor em amplo sentido, uma vez que estamos cercados de imagens que vão de nossos computadores a nossos sonhos, fazendo com que deixemos simplesmente de visualizar a imagens e passemos a analisá-las e compreendê-las. Além desses fatores, exercícios como o empregado neste artigo, podem auxiliar alunos e professores em sala de aula, uma vez que: “a cultura vivida pelo aluno de hoje se caracteriza pela saturação de imagens, e a maioria das informações que ele recebe



chega através delas” (ROSSI, 2011, p. 09), e se a leitura tanto num ato de comunicação, quanto de aprendizado e observação, trata de diferentes

conhecimentos para que se gerem novos conceitos e resultados, temos aí uma prática interdisciplinar.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BERGER, J. **Modos de Ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BETTELHEIM, B. ZELÁN, K. **Aprender a ler**. Barcelona: Crítica, 1989.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. 12 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BRANDÃO, J. “A *vanitas* na arte pictórica dos Seiscentos: entre a tradição emblemática e a Bíblia”, in **Revista Eutomia**, UFPE, Recife, 2010.
- \_\_\_\_\_. “As metáforas náuticas na poética barroca alemã”, in **LL Journal**, CUNY, New York, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Apontamentos imagético-interdisciplinares: as artes iconológica, pictográfica, fotográfica e literária**. Embu-Guaçu: Lumen et Virtus, 2014.
- CARVALHO, M. S. F. Poesia de Agudeza em Portugal**. Estudo Retórico da Poesia Lírica e Satírica Escrita em Portugal no Século XVII. São Paulo: Humanitas/EDUSP, 2007.
- DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 56 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 96.
- GIL, A. C. **Administração de recursos humanos: um enfoque profissional**. São Paulo: Atlas, 1994.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético (vol. 2)**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996
- LOSADA, T. **A interpretação da imagem: Subsídios para o ensino de arte**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- MANGUEL, A. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- MARTINS, M. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- MATOS, G. **Gregório de Matos: obra poética**. Edição James Amado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p.988.
- PANOFISKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- POMBO, O. **Interdisciplinaridade: ambições e limites**. Lisboa: Relógio D’água, 2004.



PRIORE, M. **Histórias Intimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

ROSSI, M. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SANTAELLA, L. & NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

---

<sup>i</sup> Jack Brandão, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), professor, pesquisador e diretor do Centro de Estudos Logo-Imagéticos CONDES-FOTÓS IMAGO LAB, da JackBran Consult.

<sup>ii</sup> Aryana Vicente de Sousa é mestra em Ciências Humanas pela Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP), pós-graduada em Docência no Ensino Superior pela FMU/SP e pesquisadora do Centro de Estudos Logo-Imagéticos CONDES-FOTÓS IMAGO LAB, da JackBran Consult.